

## O SOM DO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA SURDEZ EM JORNADA NAS ESTRELAS

Alyne Marianna Freitas Rosa  
[enyla.asor@hotmail.com](mailto:enyla.asor@hotmail.com)

currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0024410497344691>

### RESUMO

Os estudos culturais cada vez mais buscam estudar a influência da mídia na sociedade, e a análise de representação social nos permite verificar como as relações sociais são concebidas e mantidas. Uma das fontes mais populares para seu estudo é a televisão, justamente por sua tentativa imagética de ser um reflexo da sociedade que busca retratar, além de estar presente em um grande número lares ao redor do mundo. A forma como os grupos se apresentam nos programas de televisão demonstram como as relações de poder são embasadas nas relações existentes em nossa sociedade, e como as minorias podem ser tratadas de forma completamente errônea e/ou deturpada. Tendo em vista a representação da deficiência na mídia, este artigo busca analisar como a surdez é apresentada na série televisiva de ficção científica Jornada nas Estrelas – A nova Geração, analisando o episódio *O Som do silêncio*, exibido na segunda temporada e roteirizado por Jackie Zambrano.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais; Surdez; Televisão; Jornada nas Estrelas.

### Introdução

A influência exercida pela mídia em nossas vidas já é amplamente conhecida e seus efeitos são estudados nos mais diversos campos de conhecimento, como a psicologia, literatura, ciências sociais e economia. Deste modo, a forma como as informações se apresentam nos canais de comunicação não pode ser tomada como arbitrária, mas sim como um reflexo da nossa sociedade, remodelado para que se enquadre em questões estéticas e mercadológicas. Ao analisarmos os meios de comunicação e suas criações, analisamos também a sociedade que os produz, visto que esta se apresenta num processo de (re)construção contínuo e dialógico. Como aponta Alexandre:

Comunicação, sob a perspectiva da representação social, é o fenômeno pelo qual uma pessoa influencia ou esclarece outra que, por sua vez, pode fazer o mesmo em relação à primeira. Seus elementos básicos são o emissor, o receptor, a mensagem, o código e o veículo. Atualmente, o estudo científico da comunicação ganhou grande

impulso, depois de constatada a extraordinária importância econômica, social, política e ideológica do processo comunicacional (ALEXANDRE, M. 2001, p. 118).

A representação social é essencial para que seja feita a análise de como certos grupos são preteridos ou evidenciados na mídia, especificamente no cinema e na televisão. Estes dois meios de comunicação imagéticos contribuem imensamente para a forma como conceitos e sociedades são recebidos na comunidade. De acordo com Suplino (2010, p. 64): “Suas narrativas corroboram o modo como a sociedade se vê, podendo ter alterações periódicas nessa percepção de acordo com alterações nos contextos sociais”.

Desta forma, o cinema e a televisão buscam retratar a realidade ao mesmo tempo em que a influenciam e moldam de acordo com interesses variados, quase sempre políticos ou mercadológicos. Almeida (2006), sob a perspectiva dos estudos culturais de Stuart Hall, expõe como as relações de poder influenciam na forma como as retratações são feitas, determinando padrões e salientando a diferenciação do outro, acarretando num processo de exclusão de certos grupos sociais minoritários quando estes não condizem com os produtores de conteúdo e seu público consumidor.

A criação do “outro”, do diferente, das minorias (podendo incluir, mas não limitando-se a gênero, raça, orientação sexual e condição fisiológica), podem criar cenários e personagens de forma deturpada ou errônea quando esta representação é feita pelos grupos dominantes, mas a presença dessas representações ainda é necessária para que diálogos possam ser postos em pauta, principalmente quando executados de forma cuidadosa e não estereotipada.

Considerando tais conceitos, este artigo propõe analisar a forma como pessoas com deficiência são apresentadas pela mídia, visando especificamente como a surdez é representada. Bisol e Valentini (2011, p. 1) situam deficiência auditiva e surdez como sinônimos, em certos aspectos: “De um ponto de vista orgânico, sim, são sinônimos utilizados para referir qualquer tipo de perda auditiva em grau leve, moderado, severo ou profundo, em um ou ambos os ouvidos”. As autoras salientam como a distinção pode estar na identificação do indivíduo com a comunidade surda e sua cultura, estando o Surdo inserido na mesma e o Deficiente Auditivo mais distanciado.

A escolha de *Jornada nas Estrelas* como escopo deve-se principalmente a dois fatores, sendo o primeiro sua longevidade com incontestável impacto social não somente na cultura pop, como também na ciência e tecnologia; e segundo por seu aspecto utópico de sociedade ideal, mostrando diversidade e abordando temas importantes de forma direta ou mais estilizada, como é característico do gênero ficção científica. Muniz aponta:

Uma das características mais importantes do gênero é usar metáforas para falar sobre a condição humana. Assim, algumas vezes discretamente e outras vezes nem tanto. [...] O medo de uma guerra nuclear foi tratado na série. E outros sistemas ditatoriais viraram alvo de críticas porém, o que mais atraiu muitos espectadores ao longo dos anos foi mesmo o cenário de um futuro melhor e mais feliz para a humanidade (MUNIZ, 2016, p. 8).

## **A surdez na mídia**

Mesmo com os avanços da inclusão e da ampliação dos conceitos relacionados à surdez, assim como a difusão de sua língua e cultura próprias, ainda encontramos uma forte barreira no que diz respeito ao tratamento igualitário na concepção e representação dos surdez na mídia. Almeida destaca como a surdez ainda é genericamente concebida como algo a ser concertado:

A sociedade enxerga a surdez como uma deficiência que deve ser abolida, tratada através dos “consertos” neurocirúrgicos prometidos pela medicina, seja na engenharia genética ou pela prevenção a doenças. A surdez, nesta óptica, é vista como um mal contagioso, como resultado da pobreza e das más condições sanitárias, da falta de cuidados médicos, ou muitas vezes, vista como um castigo e punição (ALMEIDA, 2006, p. 4).

Careli (2010) faz um levantamento do número de produções cinematográficas sobre a surdez, e nota como a caracterização é alterada de acordo com o país de origem do filme. No cinema estadunidense, três perspectivas se sobressaem: “superção da

deficiência pela cura ou pela adaptação”; “a identificação da surdez ao delito” e “o preconceito social à surdez” (p. 5). Já no cinema francês, houve uma abordagem mais positiva com relação à surdez, tendo como temas frequentes:

A primeira idéia dominante é a da transgressão dos papéis de normalidade pelo uso da cultura surda. [...] A segunda representação se apóia na caracterização das personagens como seres sociais com autonomia para a solução de problemas que enfrentam independente se encontrarem na sua territorialidade de origem. Como terceira idéia se coloca o conflito pessoal pela não adequação aos papéis de normalidade (CARELI, 2010, p. 5).

A autora, entretanto, reitera como a cultura surda vem sendo valorizada na mídia em detrimento da tentativa de cura ou normatização que era evidenciada no passado. Shepherd (2007) lista várias ocorrências de pessoas com deficiência em Jornada nas Estrelas, tais como: distúrbios emocionais, deficiências visuais, distúrbios de linguagem, dificuldades de aprendizagem, deficiências físicas, fobia social e surdez, que será o foco do episódio analisado neste artigo.

## **A Série**

A franquia estadunidense Jornada nas Estrelas foi criada por Gene Roddenberry nos anos 1960, sendo amplamente conhecida por seu impacto cultural e por sua longevidade, com mais de 50 anos e contabilizando 10 filmes e 741 episódios até o momento, distribuídos em 7 séries televisivas. O fenômeno não se deve apenas aos avanços científicos mostrados na série, mas principalmente por sua natureza filosófica, positiva e utópica. No futuro exibido, comumente ambientado entre os séculos XXIII e XXIV, a humanidade encontra-se virtualmente livre de males como o racismo, sexismo e homofobia, além de ter erradicado a pobreza e inúmeras enfermidades médicas.

Contudo, em suas viagens espaciais, o contato com outras raças interplanetárias, ou mesmo com humanos que não compartilham os ideais da Federação Unida dos Planetas (uma instituição como uma ONU interplanetária), impõem aos personagens diversas

oportunidades para refletir sobre suas próprias concepções de ética, colocando em cheque o que achamos estar no passado, como o hábito de prejulgar costumes que diferem dos nossos ou até onde deve ser permitido interferir com o desenvolvimento de outros povos.

A Série Clássica, como ficou conhecida a primeira série de Jornada nas Estrelas a ir ao ar em 1966, já mostrava muitas modernidades e quebras com a tradição televisiva americana. A ponte da *Enterprise*, onde estavam os cargos mais importantes da nave, e por conseguinte os papéis mais relevantes, invadia os lares americanos com uma diversidade quase inédita, que constantemente desafiava o conservadorismo da emissora.

Em nível de igualdade, todos os membros da tripulação se juntam para *audaciosamente ir onde nenhum homem jamais esteve*, o que é refletido no elenco da série. Em plena guerra fria, temos o alferes russo Pavel Chekov, com sotaque carregado e constantemente lembrando os feitos de sua amada pátria; o asiático Rikaru Sulu<sup>1</sup>, quando o país estava envolvido na questionável guerra do Vietnã; além da Tenente Uhura, oficial de comunicações interpretada por uma mulher negra quando boa parte do país ainda se encontrava impactado pelos efeitos das leis de Jim Crow<sup>2</sup>

Mostrar mulheres em cargos de importância, pessoas de vários povos e nacionalidades diferentes convivendo em harmonia quando a sociedade ainda buscava por uma estabilidade emocional e cultural no pós-gurra, contribuiu muito para a construção de valores e aceitação do outro.

Em Jornada nas Estrelas – A Nova Geração, segunda série da franquia produzida nos anos 1980, os mesmos temas inclusivos e integracionistas são utilizados, mas adicionando outro debate ainda não amplamente abordado na franquia: sobre deficiências. Em uma sociedade tão avançada cientificamente, um dos principais membros da tripulação, o engenheiro-chefe Geordi La Forge, é cego desde que nasceu, e

---

1 Mesmo sendo japonês, Roddenberry queria que Sulu representasse toda a Ásia.

2 Leis de segregação racial amplamente utilizadas nos Estados Unidos entre 1877 até meados de 1960, quando a luta pelos Direitos Civis emergiu. Era mais rigorosa nos estados fronteiriços e sulistas (PILGRIM, p. 2007, 2000).

sua necessidade não pôde ser reparada clinicamente sem que altos riscos e perdas fossem considerados.

La Forge faz uso de um dispositivo eletrônico, o VISOR, que possibilita a captação e interpretação de leituras do ambiente e por isso pode receber certos sinais visuais melhores do que os obtidos por outros humanos com visão padrão, como infravermelho e ultravioleta. No decorrer da série, muito se é debatido sobre sua autoaceitação e como ele, mesmo cego, é um membro valioso da tripulação.

Quando questionado sobre sua condição, se ressentido ser cego e ter que fazer uso do VISOR, sua resposta é: “não, já que ambos são parte de mim e realmente gosto do que sou, não me ressinto de nenhum deles” (ZAMBRANO, 1989). Quando lhe é oferecida a possibilidade de interceder cirurgicamente, ele a recusa, voltando a ela apenas após uma década.

## **A Surdez em Jornada nas Estrelas**

No episódio “O som do silêncio”, originalmente exibido em 1989 durante a segunda temporada da série, com o título *Loud as a Whisper*, a Enterprise é enviada ao sistema solar Ramatis para transportar um mediador que visa findar uma amarga disputa em Solais V. O diplomata escolhido é Riva, conhecido por sua dedicação e paciência durante as longas e perigosas negociações que conduz entre diversas espécies e povos da galáxia.

Troi, Picard e Worf descem ao planeta, e ao chegarem ao local de encontro Riva protela em falar com eles, unindo-se a um grupo de pessoas do lado oposto da sala. Riva permanece calado e os outros, postados diante dele, dirigem-se aos convidados. Para a surpresa de todos, Riva, o famoso mediador, é surdo de nascença, comunicando-se apenas através do *Coro*, um grupo de três indivíduos composto por uma mulher e dois homens, responsáveis por transmitir oralmente seus pensamentos, estando cada um encarregado de representar um traço de sua personalidade.

Eles se autodenominam como *tradutores de pensamentos e emoções*. O primeiro homem é o Erudito, representando a parte lógica e filosófica, um esteta e sonhador. O segundo homem diz-se ser a paixão e o romance, assim como um Guerreiro. A terceira

tradutora é a Sabedoria, sendo o equilíbrio que mantêm a todos em uma harmonia concisa.

Durante o primeiro contato, enquanto recebem as informações sobre suas peculiaridades, Picard dirige-se ao Coro, o que ofende Riva, que exige que falem diretamente com ele e não com seus tradutores. A explicação que se segue é que a linhagem dirigente do planeta não apresenta os genes responsáveis pela audição, comparando-se ao caso da linhagem terráquea de Hanover em que todos portavam hemofilia. Os ancestrais dos membros do Coro prestavam os mesmos serviços aos ancestrais de Riva há séculos, e assim se estabeleceu o método de comunicação.

No decorrer do episódio, os integrantes do Coro são mortos e Riva encontra-se obrigado a comunicar-se com os outros membros da tripulação sem seu Coro, fazendo uso da língua de sinais para conseguiu-lo. Entretanto, ninguém a conhece, o que causa uma grande frustração no diplomata, não somente por não ser compreendido, mas por saber que não poderá mediar o importante encontro que estava certo de conseguir resolver.

Um dos personagens, Data, é instruído a aprender a “linguagem gestual<sup>3</sup>” de Riva, enquanto o próprio é acalmado por Picard, que tenta da melhor forma possível transmitir a ideia de que juntos poderão encontrar uma solução, quebrando o estado catatônico em que o diplomata encontrava-se. Todavia, quando é proposto que Data seja seu intérprete, Riva aponta que o fato de Data conseguir decodificar os sinais produzidos, não significa que ele seja capaz de transmitir seus sentimentos, como angústia e desespero. Seu Coro levou anos para chegar à harmonia necessária, e encontrar outro intérprete não seria simples.

Com o objetivo de solucionar o grande incidente diplomático, é apresentada uma possibilidade de remediação cirúrgica para Riva, mas nenhuma prótese ou cirurgia pode ajudá-lo. Assim sendo, caberia a ele encontrar uma solução alternativa para lidar com sua condição, o que o faz considerar abandonar a missão. Riva criou uma relação afetuosa com a personagem Troi, e mesmo com grande dificuldade, tentam a

---

<sup>3</sup>É importante salientar que na língua inglesa não há distinção entre “língua” e “linguagem”, sendo ambas representadas pelo termo *language*. Aqui é transcrita a expressão utilizada na dublagem brasileira.

comunicação por gestos, mostrando que o importante não são as palavras, mas seu significado, que ela com certa dificuldade consegue interpretar. Juntos chegam à conclusão de que aprender a se comunicar é o primeiro e mais importante aspecto de qualquer relacionamento, dependendo diretamente da disposição mútua de criar contato.

Retornado de confiança e fé em si mesmo, Riva percebe que poderia fazer qualquer coisa independentemente de seu Coro. O diplomata então decide ensinar sua língua de sinais para os membros conflituosos para poder tratar as negociações entre os povos rivais, criando enfim uma comunicação neutra para que nenhum se sentisse lesado e as questões pudessem ser discutidas enquanto pacientemente aprendiam a nova língua. Além de ter transformado sua desvantagem em vantagem, o episódio explicita que o mais difícil não é achar algo em comum com pessoas que julgamos “diferentes”, mas sim decidir investir o tempo necessário para iniciar um diálogo.

Analisando o episódio, nos deparamos com algumas características comuns à retratação de surdos no cinema e televisão, como o fato de serem *diferentes* ou *distantes*, assim como alguns elementos inesperados de abordagem típica da ficção científica, onde novos e inusitados artefatos são inseridos na trama, como a presença dos telepatas do Coro.

Entretanto, o fato da ideia geral do episódio ter sido concebida pelo ator Howie Seago, que interpreta Riva e é surdo na vida real, fez com que o tema fosse esculpido de forma bastante original, com subtemas fiéis, retratando certos aspectos que geralmente são ignorados pela mídia, como a relação surdo/ intérprete, como quando O Coro percebe o envolvimento romântico de Riva com Troi, parando de segui-lo e dizendo que nessas ocasiões se tornam “um estorvo”; ou quando Data (que é um androide) mostra-se incapaz de ser um intérprete por conta da sua ausência de emoções.

É interessante notar que Riva, em certas ocasiões, usa a língua de sinais<sup>4</sup>, mesmo quando o Coro está presente, ajudando a divulgar a língua a colocando em uma emissora de grande audiência. O desenvolvimento da utilização da língua durante o episódio

---

<sup>4</sup>Canonicamente, a língua que Riva utiliza foi aprendida no ficcional Sistema *Plaeties*, *todavia* os atores utilizam ASL (American Sign Language, a língua de sinais utilizada nos Estados Unidos) durante o episódio. Alguns termos puderam ser verificados no dicionário online Signing Savvy, tais quais: *fool*, *interpreters*, *death*, *blue*, *friend*, *cannot*, *despair*, *trick*, *magic*, *thank you*, *communication*.



mostra certa linearidade quanto a sua aceitação e divulgação. Primeiro, a vemos como um complemento enquanto o Coro traduz os pensamentos de Riva oralmente. Depois, vemos como a falta de conhecimento da língua de sinais pode causar frustração tanto para o Surdo quando para os que tentam se comunicar com ele. Como aponta Almeida (2006, p. 6): “o fator qualitativo também influi no que diz respeito às desvantagens sociais em que os surdos estão submetidos, por não falarem a língua majoritária – a língua oral”.

Por último, vemos a língua de sinais de Riva como a grande salvadora da missão, conciliando povos e sendo uma grande vantagem. Seago considerava de extrema importância desfazer certos mitos e preconceitos quanto à comunidade surda, e desejava passar uma imagem positiva e ao mesmo tempo cabível na ficção, estando presente em cada alteração do roteiro do episódio (NEMECEK, 1995, p. 73).

## **Considerações Finais**

O episódio foi recepcionado de forma bastante positiva entre os fãs e pela comunidade surda, mostrando que a melhor forma de retratar diversidade na mídia é envolvendo estas pessoas na produção de suas próprias histórias, não somente pela sua capacidade intelectual, mas também para evitar estereótipos e deturpações que muitas vezes só ficam evidentes depois que os produtos são lançados.

Como destacam Mohr et al.: “O cinema como linguagem artística possibilita viver dramas e tragédias e pode contribuir para um processo de aprendizagem que se aplica a objetividade das ações em torno da temática da deficiência” (2011, p. 3). A relação dialética entre televisão/cinema e sociedade tem como principal característica a adaptação e dinamicidade, dependendo de ajustes e demandas sociais mais igualitárias para que possa assim refletir um mundo mais integrado, como o expressado nas séries de ficção científica que por hora parecem tão distantes e utópicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, M. O Papel Da Mídia Na Difusão Das Representações Sociais. In **Comum**, v. 6 nº 17, p. 111-125. Rio de Janeiro: 2001.

ALMEIDA, W.G. Comunidade Surda e o Turismo de Responsabilidade Social: Um Olhar sobre as Diferenças. In: **IV SeminTUR - Seminario de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul**. p. 1-13, v. 4. Caxias do Sul: UCS, 2006.

BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B. Surdez e Deficiência Auditiva – qual a diferença? **Objeto de Aprendizagem Incluir** – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em: <[http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA\\_SURDEZ\\_Surdez\\_X\\_Def\\_Audit\\_Texto.pdf](http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf)>. Acesso em: 5 Out. 2018.

CARELI, S. S. As representações no cinema a partir do entrecruzamento das categorias gênero e surdez. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos**. Florianópolis. Anais eletrônicos. 2010. Disponível em: <<http://escholarship.bc.edu/education/teplus/vol3/iss6/art1>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MOHR, A. C.; NAUJORKS, M. I.; REAL, D. C. 3º E 4º CICLOS DE CINEMA: CINEMA E DEFICIÊNCIA. **5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. p. 1-7, 2011. Anais eletrônicos... Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0173-5/Sumario/4.1.1.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

MUNIZ, M. Star Trek. **Coleção Como a Cultura Nerd Mudou o Mundo**, v. 1, São Paulo: Editora Europa, 2016.

NEMECEK, L. **Star Trek: The Next Generation Companion**. 2a ed. New York, NY: Pocket Books, 1995.

PILGRIM, David. "What Was Jim Crow?" **Ferris State University**, v. 16, p. 2007, 2000.

SHEPHERD, T.L. Infinite diversity in infinite combinations: Portraits of individuals with disabilities in Star Trek. **TEACHING Exceptional Children Plus**, v. 3, n. 6, 2007.

SIGNING SAVVY. **Signing Savvy**. ASL Sign Language Video Dictionary. Disponível em: <<https://www.signingsavvy.com/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

ZAMBRANO, J. (Roteiro); SHAW, L. (Diretor). O Som do Silêncio [Loud as a whisper] (episódio 31, 2ª temporada). In **Star Trek: The Next Generation**. California: Paramount Pictures, 1989. Versão Brasileira VTI, RJ.

## SOBRE A AUTORA:

Graduou-se em Letras - Língua Inglesa, em 2017, pela Universidade do Estado do Pará.